

ESPERAM-NOS TAREFAS GIGANTESCAS NA FASE HISTÓRICA QUE SE INICIA

— Presidente Joaquim Chissano, falando ontem no encerramento da Sessão Extraordinária do Comité Central

Falando na tarde de ontem, no encerramento da Sessão Extraordinária do Comité Central, o Presidente do Partido Frelimo, Joaquim Alberto Chissano, dirigiu-se aos membros do Comité Central afirmando que «es-

peram-nos tarefas gigantescas nesta nova fase da nossa história que agora se inicia». Eis, na íntegra, o discurso então proferido pelo mais alto dirigente da Revolução moçambicana:

Camaradas membros do Comité Central,

Realizemos esta Sessão Extraordinária do Comité Central do Partido Frelimo com o nosso País mergulhado em dor e em luto pelo trágico acontecimento que vitimou o nosso querido Presidente, Camarada Samora Moisés Machel.

A nossa dor imensa, que é a dor de todos os moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, exprime o sentimento profundo de quem perdeu um pai querido, um meio admirado e amado, um camarada e companheiro constante de tantas e tão gloriosas batalhas que travámos no processo da construção da Nação moçambicana.

Com o longo de mais de duas décadas, ao lado do Camarada Samora, participamos em conjunto na epopeia de libertar a nossa Pátria, de séculos de dominação colonial. Juntos vivemos a aventura exaltante de construirmos o primeiro Estado moçambicano, livre e independente.

Nesta longa e árdua caminhada partilhámos sofrimentos e vencemos difíceis obstáculos; partilhámos momentos grandiosos de beleza e alegria.

Sempre estivemos seguros e confiantes e porque tinhamos conhecido o Camarada Samora Machel, porque víamos nele sintetizadas as mais altas e nobres virtudes do Povo moçambicano, porque o Camarada Presidente sempre recebiámos a direcção correcta e justa, o pensamento luminoso, a energia e a determinação para fazer avançar a nossa Revolução.

O Povo moçambicano, todos nós, sublinhamos com a brutal notícia da morte do Camarada Presidente, recusamos acreditar nela. Ficámos, nos primeiros momentos, paralisados de dor e angústia, tal como nos aconteceu a 3 de Fevereiro de 1969, quando do bárbaro assassinato do primeiro Presidente da FRELIMO — Eduardo Chivambo Mondlane.

Foi difícil e doloroso emergir desse sofrimento e encontrar energias para continuar o combate. Foi difícil e doloroso assumir que não nos podíamos deixar avassalar pelo sofrimento e que, mesmo na ausência do Camarada Presidente, íhmos de ser capazes de garantir a realização dos seus nobres ideais, de valorizar o seu exemplo a sua memória, de tornar cada vez mais fecundo e vivo o seu pensamento genial. Assumimos que temos de merecer a grandeza de ser o Camarada Presidente nosso Chefe. Como dissemos no elogio fúnebre, a história do Camarada Presidente Samora, é a história da FRELIMO, é a história de Moçambique.

Recordamos o papel decisivo do Camarada Presidente Samora Machel durante a Luta Armada de Libertação Nacional, como guerrilheiro, como Secretário do Departamento de Defesa, como Presidente da FRELIMO, como diplomata, e os impulsos que a sua acção imprimiu ao avanço da nossa luta até à derrota final do colonialismo português.

Pela voz do Camarada Presidente Samora que o Povo moçambicano ouviu proclamar solenemente a República Popular de Moçambique, a Independência da nossa Pátria libertada.

Começamos então novas batalhas para construir o nosso Estado alargando as experiências da Luta Armada de Libertação Nacional a todo o País, consolidando o poder popular, aprofundando a natureza popular do nosso Estado.

Sob a direcção do Camarada Presidente criámos, no III Congresso, o nosso Partido, o Partido Frelimo, organização de vanguarda e aliança operária-camponesa de Moçambique que sintetiza a luta revolucionária do Povo moçambicano com os princípios universais do Marxismo-Leninismo.

Foi sob a liderança do Camarada Presidente Samora Moisés Machel que realizámos o IV Congresso, momento alto da unidade do Partido, de melhor definição das nossas responsabilidades e tarefas, adequando-as à

situação concreta do País, princípios esses que nos norteiam e guiam.

O Camarada Presidente sempre soube conciliar a defesa intransigente dos interesses nacionais e a luta pelo desenvolvimento e bem-estar do nosso Povo, com o carácter internacionalista da Revolução moçambicana e o seu engajamento na libertação total da África na erradicação do colonialismo e do «apartheid».

O Camarada Presidente é símbolo da unidade nacional. O exemplo do Camarada Presidente, o seu combate intransigente contra todas as manifestações de tribalismo, de regionalismo, de racismo e de discriminação, é um património precioso que vamos preservar e defender.

Nestes dias trágicos vivemos intensamente essa lição de unidade que o nosso querido Presidente nos legou.

Figura de dimensão universal, o Camarada Presidente Samora Machel esteve sempre na vanguarda de todos os combates pelas causas justas, tornando-se símbolo na luta de todos os povos oprimidos.

O Camarada Presidente Samora Machel fez reflectir no nosso País o imenso prestígio internacional que alcançou.

Com uma visão lúcida e clara da grandeza do nosso País, da política e da geo-economia da nossa região, o Camarada Presidente Samora Machel soube valorizar a importância de se caminhar para o estabelecimento de uma unidade regional, força imensa para culminar o processo de libertação total da África Austral.

Foi neste grandioso combate que o Camarada Presidente Samora Moisés Machel perdeu a vida.

Morreste, Camarada Presidente, em luta contra o «apartheid», em missão de paz.

Camaradas membros do Comité Central,

Esta Sessão Extraordinária do Comité Central realiza-se no momento em que se encarnam contra nós as forças hostis à nossa Revolução, os inimigos do Povo moçambicano.

A trágica morte do Camarada Presidente Samora Machel ilustra de forma mais dramática as ameaças que do exterior nos são lançadas.

Nesta hora difícil da nossa história, tivemos de encontrar a coragem e a serenidade necessárias para enfrentar os desafios que nos são postos e tomar as decisões indispensáveis.

Durante esta Sessão procedemos à análise das circunstâncias em que se verificou a morte do Camarada Presidente.

Examinámos o relatório do Bureau Político do Comité Central do Partido Frelimo sobre os factos ocorridos desde a morte do Camarada Presidente. Ouvimos as medidas organizativas e as acções tomadas para a realização do funeral do Camarada Presidente e dos outros companheiros nossos que com ele pereceram.

Estão vivas na nossa memória as lancinantes cenas de dor expressas por todo o Povo moçambicano, do Rovuma ao Maputo e o exemplo admirável que uma vez mais o nosso Povo soube dar de organização, disciplina no sofrimento, solidariedade, vigilância, determinação, amor ao nosso Presidente e espírito patriótico.

Mobilizámos as nossas forças e recursos para enfrentar a situação e todos os que foram chamados a participar nas tarefas a realizar deram provas duma disponibilidade total para, em espírito de unidade, assumirem as suas responsabilidades.

Ninguém se poupou a sacrifícios e podemos dizer que, uma vez mais, nos sentimos orgulhosos da imensa capacidade do nosso Povo.

Reconforta-nos a solidariedade internacional em que fomos envolvidos. Chegaram-nos inúmeros apoios materiais e humanos. Representações de alto nível, numerosas delegações de todos os Continentes, de países e organizações, conhecem a nossa luta e comperilham o nosso sofrimento.

O Comité Central do Partido Frelimo, cumprindo as disposições estatutárias, procedeu nesta Sessão Extraordinária à eleição do Presidente do Partido Frelimo.

Camaradas membros do Comité Central,

Esperam-nos tarefas gigantescas nesta nova fase da nossa história que agora se inicia.

Os princípios e as orientações estabelecidas claramente definidos e todos nós temos a responsabilidade histórica de estar à altura de sermos os dignos continuadores da obra de Mondlane e de Samora.

O IV Congresso do nosso Partido Frelimo apontou-nos as direcções principais e as grandes linhas de

quidada com o sangue dos melhores filhos da Pátria moçambicana seja posta em causa, nem aceitaremos que elementos comandados do exterior ameacem a soberania, a integridade territorial e a liberdade do nosso Povo.

Vamos consolidar o nosso Partido Frelimo, aumentar o número dos seus membros, melhorar e elevar a qualidade dos quadros, assegurar o funcionamento democrático, correcto e eficaz dos seus órgãos desde a Célula ao Comité Central, responsabilizando, atribuindo tarefas, exigindo prestação de contas, controlando e assegurando o engajamento consciencioso e permanente de todos os seus membros.

Exortamos os membros do Comité Central a intensificar o estudo da

denunciando sem complacências desvios e abusos, práticas incorrectas, e atentados contra a nossa moral e a nossa ética revolucionária.

Vamos ser implacáveis contra qualquer manifestação que nos queiram dividir na base da tribo, origem étnica, raça, sexo, religião ou qualquer forma de discriminação social.

O objectivo que o nosso Partido definiu para a Sociedade moçambicana é a construção do Socialismo. Na realização deste objectivo empenharemos todas as nossas forças e potencialidades, pois só a sociedade socialista garante a todo o Povo a igualdade de direitos e oportunidades, a plena realização do Homem moçambicano.

Na frente económica, a prioridade essencial é o combate à fome e à



Presidente Joaquim Alberto Chissano, na Sessão Extraordinária do Comité Central, após a sua eleição

nossa política para que melhor a possam difundir e defender.

Estudemos profundamente a economia do nosso País, para que participemos mais eficazmente nas tarefas do nosso desenvolvimento.

Aumentemos continuamente o nível dos nossos conhecimentos científicos através de todos os meios ao nosso alcance.

Temos de conhecer a História do nosso País e da nossa Sociedade, para dela colhermos as lições que reforçam a unidade nacional.

Tal como se decidiu na V Sessão do Comité Central, vamos utilizar métodos correctos e científicos de trabalho e de direcção, exigindo disciplina, análise frontal, franca e aberta dos problemas, assumindo colectivamente e com pensamento comum as decisões tomadas, não transgredindo com desvios ou práticas contrárias à linha do Partido.

Vamos reforçar o papel das nossas Organizações Democráticas de Massas e das Organizações Socio-Profissionais. Estes são um elemento fundamental da nossa Sociedade.

Sabemos mobilizar e abranger todas as mulheres, jovens e crianças, todos os trabalhadores, os artistas, jornalistas, logógrafos e professores.

As imensas potencialidades contidas nas Organizações Democráticas de Massas e a sua participação cada vez mais activa no exercício da vida democrática do nosso País, são garantias da continuidade da Revolução moçambicana.

Vamos preservar e assegurar que o Partido dirija efectivamente o Estado e a Sociedade.

Vamos intensificar o combate ideológico em todas as frentes, garantindo a realização dos nossos princípios,

Adoptemos as Directivas Económicas e Sociais do IV Congresso do Partido Frelimo traçam objectivos e tarefas concretas para todos os sectores de actividade que têm de ser realizadas.

São extremamente difíceis as condições que enfrentamos no nosso País. As acções de desestabilização movidas contra a República Popular de Moçambique, conduziram-nos a uma situação de grande carência de bens essenciais, invertendo o processo de recuperação económica que iniciámos no início da década de 80, agravaram as condições de vida do Povo.

Para superar todas estas dificuldades, temos de saber resistir. Temos de persistir na busca de soluções que se fundamentam essencialmente no uso das nossas próprias forças, mobilizando novas capacidades e iniciativas.

Utilizemos de maneira correcta e adequada os apoios solidários que nos vêm do exterior, priorizando as acções principais e que vão ao encontro da resolução dos problemas do nosso País.

Considerando a situação de guerra que enfrenta o nosso País temos de saber como, na execução das directivas do IV Congresso do Partido Frelimo, salvaguardar as nossas realizações, utilizar da melhor forma os recursos escassos, e criar as condições para inserir essas realizações no novo contexto que a vitória sobre o banditismo trará ao nosso País.

Vamos prosseguir o relançamento da nossa economia adoptando corajosamente todas as medidas de saneamento económico e financeiro que forem necessárias. Combateremos vigorosamente a corrupção, a cangaça,

a negligência, a indisciplina, o esbanjamento de recursos, a má gestão, a improdutividade, fazendo reviver e assumir continuamente, por todos os dirigentes, o espírito da Ofensiva Política e Organizacional na Frente da Produção.

Sabemos elevar o nível de organização do sector estatal da economia para que ele seja rentável e uma alavanca poderosa do nosso esforço de socialização do País.

Reforcemos o papel das cooperativas para que elas ganhem novo dinamismo na criação da riqueza, para que espelhem rapidamente as vantagens das formas colectivas da produção e dêem contributo decisivo ao nosso desenvolvimento.

Aprofundemos continuamente o conhecimento das nossas realidades económicas e sociais, valorizemos o papel e as potencialidades do sector familiar na nossa economia, tendo em conta que a actividade agrária é dominante e a base do nosso desenvolvimento.

Queremos que o sector privado desempenhe um papel económico e socialmente útil e contribua com o seu esforço para o processo de desenvolvimento do nosso País. Ao investidor privado garantiremos a sua propriedade, a atribuição dos capitais investidos e as condições adequadas para o exercício da sua actividade.

Consolidemos as conquistas da Revolução nas áreas da saúde, da educação, da cultura e da justiça.

O nosso Aparelho de Estado deve ser cada vez mais eficaz, dinâmico e operativo.

Vamos reforçar o papel das Assembleias do Povo como expressão máxima do poder de Estado, assegurando a sua natureza democrática, a vivacidade do seu funcionamento, o controlo permanente, a responsabilização dos seus membros.

É nas eleições que todos os cidadãos moçambicanos, do Rovuma ao Maputo, assumem a plenitude dos seus direitos políticos e dão o conteúdo mais directo e concreto ao nosso processo democrático. É nas eleições que a vontade popular se afirma, criando os instrumentos que servem a defesa dos seus direitos e anseios mais legítimos.

Vamos completar o processo em curso das II Eleições Gerais, potenciando o entusiasmo popular que envolveu as primeiras fases das eleições, concluindo assim o edifício institucional que a Constituição fixa para o nosso Estado.

Na frente diplomática, o nosso Partido Frelimo continuará fiel aos princípios de política internacional que orientam a sua actividade e que foram definidos pelo IV Congresso.

Proseguiremos o esforço dos povos africanos pela conquista e consolidação da sua independência e unidade africana.

Participaremos na Organização de Unidade Africana, no Movimento dos Não-Alinhados, instrumentos importantes na luta pela emancipação dos povos, pela independência, pela paz, pelo desenvolvimento e pela igualdade de todos os povos.

Continuaremos a aplicar a política do não-alinhamento e independência da República Popular de Moçambique que sempre defendemos. Na fidelidade a estes princípios não nos desviaremos dos objectivos da nossa Revolução, sabermos encontrar os caminhos seguros que nos conduzirão à vitória contra o subdesenvolvimento, relacionando-nos com os que conosco queiram cooperar.

O Partido Frelimo prossegue o seu combate consequente pela eliminação do colonialismo e do «apartheid» em África.

A República Popular de Moçambique continuará a participar activamente no seio dos Países da Linha da Frente.

Como membros co-fundadores da SADC, empenharemos os nossos esforços no desenvolvimento e consolidação da cooperação regional.

Permaneceremos fiéis aos Ideais

que norteiam a Organização das Nações Unidas.

O Partido Frelimo continuará a aplicar os princípios contidos nos Estatutos no seu relacionamento com os Partidos marxistas-leninistas e com os outros Estados socialistas.

Reforcemos as nossas relações com todos os povos e países do mundo, procurando aprofundar o nosso conhecimento mútuo e cooperação na base da não ingerência nos assuntos internos de cada país, do respeito pela soberania e integridade territorial, igualdade e reciprocidade de benefícios, como estabelece a nossa Constituição.

Estas tarefas gigantescas que temos que levar a cabo, não sendo novas, surgem-nos agora como de realização mais difícil porque não temos facilmente conhecido o Camarada Presidente Samora Moisés Machel.

Inspirados nos seus ensinamentos, com as forças e energias redobradas que saberemos tirar da nossa dor e sofrimento, seremos capazes, como no passado, de superar todas as dificuldades, alcançar novas vitórias, rasgar os promissores caminhos do futuro da Nação moçambicana.

Camaradas membros do Comité Central,

Exprimindo o sentimento do Comité Central do Partido Frelimo, dos seus membros, de todo o Povo moçambicano, queremos aqui solenemente afirmar à família do nosso querido Presidente Samora Moisés Machel, que ela é a nossa família, que o Partido velará por ela, que continuaremos juntos os combates por que Samora Machel morreu.

Partilhando a vossa dor e sofrimento, queremos dizer-vos que eles são também a nossa dor e o nosso sofrimento, e que em conjunto saberemos encontrar a coragem e as virtudes necessárias para honrar a memória de Samora Moisés Machel.

Camarada Graça Machel, membro do Comité Central do nosso Partido, na tua dor inconsolável, consciencioso do valor da tua militância, do teu exemplo de esposa, mãe e dirigente, dizemos-te que continuamos a contar contigo nas trincheiras do Partido Frelimo, para prosseguirmos incansáveis o combate pela realização dos ideais da Revolução moçambicana.

Camaradas membros do Comité Central,

O Presidente do Partido Frelimo e o Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique — FFLM, das Forças Paramilitares, Policiais e de Segurança.

As Forças Armadas de Moçambique — FFLM, herdeiras das gloriosas tradições da luta armada de libertação nacional, vitoriosas em tantos outros combates heróicos que travamos desde a independência, são o garante fundamental da nossa soberania, da nossa integridade territorial, da nossa independência.

Nestas horas trágicas e difíceis que vivemos, uma vez mais, as Forças de Defesa e Segurança são chamadas a dar provas do seu patriotismo sem limites, do seu espírito de sacrifício, para a prontidão combativa, do seu total engajamento ao Povo e à Pátria moçambicana agredida.

Aplicaremos as directivas que o Comandante-Chefe, Marechal Samora Moisés Machel, definiu para as Forças de Defesa e Segurança. Nelas, basearemos as nossas acções. A partir delas criaremos formas de combate mais eficazes e adequadas a cada momento de luta, a cada manobra de tática do inimigo.

Confiamos inteiramente em vós, orgulhamo-nos de vós, orgulhamo-nos de ser o vosso Comandante-Chefe. Vamos reforçar a nossa organização, a nossa disciplina, a nossa preparação, a nossa combatividade.

Vamos desferir golpes cada vez mais duros aos bandidos, aos inimigos da Pátria moçambicana.

Vamos defender cada palmo das nossas fronteiras, para que elas não sejam violadas.

Agudizemos a nossa vigilância revolucionária. Não toleraremos desvios, prepotências ou abusos que ponham em causa a nossa legalidade. Combatamos e desalojemos os infiltrados no nosso seio.

Reforcemos a unidade do povo. Reforcemos a unidade existente do nosso Partido e do Povo.

Vamos enraizarmo-nos sempre mais no povo, combater com o povo, para defender o povo. Vamos continuar a guerra.

Camaradas,

A força imensa do nosso Partido, reside no povo.

O Povo moçambicano, que soube resistir à dominação e à opressão, que soube unir-se e pegar em armas para expulsar o ocupante estrangeiro, saberá hoje mais do que nunca assumir o seu destino e o seu papel no mundo para afirmar, com coragem e determinação, a sua vontade de ser livre, soberano e independente.

Erguendo bem alto a bandeira da nossa República, a bandeira de todos os moçambicanos, unidos como estamos, não há força no mundo capaz de nos vencer.

Joaquim Alberto Chissano é casado com Marcelina Rafael Chissano e tem quatro filhos.

A LUTA CONTINUA!

Biografia de Joaquim Chissano

JOAQUIM ALBERTO CHISSANO, nasceu em Malehice, no distrito de Chibuto, província de Gaza, em 22 de Outubro de 1939.

Frequenta a Escola Primária, em Xai-Xai e o Liceu, na cidade de Maputo, então Lourenço Marques.

Enquanto aluno liceal, integra-se no Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique (NE-SAM) — associação estudantil de inspiração nacionalista fundada pelo Presidente Eduardo Chivambo Mondlane — que contribui para a reafirmação dos ideais patrióticos e cuja Presidência assume em 1959/60. No mesmo ano foi membro da Associação dos Naturais de Moçambique.

Em 1960, parte de Moçambique para Portugal a fim de prosseguir os estudos universitários. Engrajado no movimento nacionalista, deixa Portugal clandestinamente para a Fran-

ça em 1961, a partir de onde se integra nas forças de libertação.

Juntamente com outros jovens, promove a fundação da União Nacional dos Estudantes Moçambicanos, de que vem a ser eleito Presidente. Associa-se ao movimento nacionalista dos estudantes dos cinco países de expressão portuguesa então colonizados, dos países da África Negra e dos estudantes argelinos.

Participa na fundação da Frelimo em 1962, de que se torna membro. Por necessidade da luta de libertação, interrompe os estudos e assume, em 1963, as funções de Secretário do Presidente Eduardo Mondlane.

Exerce nessa época, por delegação do Presidente Mondlane, as funções de Secretário do Departamento de Educação. Em 1964 substitui, por breves períodos, os Secretários do Departamento de Informação e Pro-

paganda e mais tarde, o Secretário de Segurança e Defesa, Filipe Samuel Magaia, então em treinos no exterior.

Enviado para treinos no exterior, do país ainda em 1964, exerce, no seu regresso, a tarefa de professor no Instituto Moçambicano, após o regresso em 1965.

Volta a assumir as funções de Secretário do Presidente Eduardo Mondlane, continuando a assumir as funções de Secretário do Departamento de Segurança que em 1965 se separa do Departamento de Segurança e Defesa.

É submetido a nova preparação militar no exterior em 1966. É membro do Comité Central desde 1963.

Ao lado do Presidente Eduardo Mondlane e do Camarada Samora Moisés Machel e outros camaradas,

participa decisivamente na luta contra as forças divisionistas reacionárias, tribalistas, regionalistas e racistas durante a crise de 1968/69, no seio da FRELIMO.

É eleito membro do Comité Central no 2.º Congresso da FRELIMO, realizado em 1968 nas zonas libertadas em Matchedje, é eleito, pelo Comité Central, para membro do Comité Político-Militar, em 1969.

Exerce as funções de membro do Comité Executivo da Frente da Libertação de Moçambique e dirige a representação da FRELIMO, na Tanzânia, com sede em Dar-es-Salaam.

Sob a direcção do Presidente Samora Moisés Machel, participa nas negociações de Lusaka, em Junho de 1974 e nas conversações subsequentes que culminaram com a assinatura dos Acordos de Lusaka, em 7 de Setembro de 1974.

Com a entrada em vigor dos Acordos de Lusaka, é nomeado pelo Presidente Samora Machel para o cargo de Primeiro-Ministro do Governo de Transição, cargo que exerce até à proclamação da Independência Nacional.

Na constituição do primeiro Governo da República Popular de Moçambique, em Julho de 1975, é designado Ministro dos Negócios Estrangeiros, cargo que exerce até à presente data.

Representa a República Popular de Moçambique na Assembleia Geral das Nações Unidas, na Organização de Unidade Africana, no Movimento dos Não-Alinhados e em diversas organizações internacionais.

Na criação do Partido Frelimo como Partido de vanguarda no 3.º Congresso é eleito como membro do Comité Central do Partido Frelimo. É eleito